

CAPÍTULO UM

Cara Lucy Silchester,

Tem uma marcação para segunda-feira 30 de maio.

Não li o resto. Não precisava de ler, sabia de quem era. Percebi-o mal cheguei do trabalho e o vi no chão, a meio caminho entre a porta da entrada e a cozinha, em cima daquela queimadura na alcatifa onde a árvore de Natal caíra — e aterrara — há dois anos e as luzes lhe tinham chamuscado os pelos. Uma coisa baratucha escolhida pelo forretero do meu senhorio, alcatifa industrial cinzenta e gasta como se tivesse sido mais calcada que os testículos «da sorte» no mosaico do touro da Galleria Vittorio Emanuele II em Milão. Havia uma parecida no prédio do meu escritório — local muito mais indicado já que não se destinava a ser pisada por pés descalços, feita apenas para o fluxo constante do tráfego de sapatos engraxados do cubículo para a fotocopiadora, da fotocopiadora para a máquina do café, da máquina do café para um cigarro furtivo na saída de emergência, ironicamente o único sítio onde não havia detetor de fumos. Eu integrara os esforços para arranjar um local para fumarmos e sempre que o inimigo nos descobria lá íamos nós procurar novo esconderijo. O atual era fácil de encontrar — com centenas de beatas amontoadas no chão a assinalá-lo, as suas vidas chupadas pelos seus utilizadores na pressa inquieta e assustada, as suas almas flutuando pelos interiores dos pulmões enquanto os seus exteriores eram deitados para o chão, pisados e esquecidos. Um local mais venerado que qualquer outro no prédio,

mais que a máquina do café, mais que as portas de saída às seis da tarde, seguramente mais que a cadeira diante da secretária de Edna Larson — a chefe — que comia boas intenções como uma máquina avariada que nos engole as moedas mas não deita cá para fora a barra de chocolate.

A carta estava caída nessa zona suja e chamuscada. Um envelope bege e grosso com o meu nome escrito no pomposo tipo de letra George Street e categórica tinta preta, e, ao lado, uma gravação em relevo dourada, três espirais juntas.



A tripla espiral da vida. Eu sabia o que era porque já recebera duas cartas iguais e tinha ido ao Google procurar o símbolo. Não comparecera a nenhum dos encontros. Também não telefonara para o número que lá vinha, a marcar para outro dia ou a cancelar. Ignorara-o, varrera-o para debaixo do tapete — ou teria varrido se as luzes da árvore de Natal não tivessem queimado a reles alcatifa que lá estava antes — e esquecerá-o. Mas na verdade não esquecerá. Nunca nos esquecemos das coisas que fizemos e sabemos que não devíamos ter feito. Ficam-nos na cabeça, rondando como um gatuno a vigiar uma casa para um futuro assalto. Vemo-las lá, espreitando sorrateiras em imagens monocromáticas, escondendo-se atrás de marcos do correio mal viramos a cabeça para as confrontarmos. Ou como uma cara conhecida que vislumbramos na multidão mas que logo perdemos de vista. Um irritante *Onde Está o Wally?* eternamente preso e escondido em todos os nossos pensamentos conscientes. A coisa que fizemos mal, sempre lá para que o saibamos.

Ao fim de um mês a ignorar a segunda carta, chegara esta com nova marcação e sem aludir às minhas anteriores faltas de resposta. Era como a minha mãe — a sua educada omissão dos meus defeitos ainda me fazia sentir pior.

Peguei no papel sofisticado pelo canto, com o polegar e o indicador, e inclinei a cabeça para o ler quando tombou amolecido. O gato mijara-lhe outra vez em cima. Até tinha piada. Não o censurava. A posse ilegal de um animal de estimação num prédio de apartamen-

tos no centro da cidade, e com um emprego a tempo inteiro, significava que o gato não tinha oportunidade de ir à rua aliviar-se. Numa tentativa de me livrar da culpa, pendurara pelo apartamento fotografias emolduradas do mundo exterior: a relva, o mar, um marco do correio, seixos, movimento de carros, um parque, um grupo de gatos, e o Gene Kelly. A última, obviamente, para atender as minhas necessidades, mas esperava que as outras lhe dissipassem quaisquer ânsias de sair. Ou de respirar ar puro, fazer amigos, apaixonar-se. Ou cantar e dançar.

Como eu estava fora cinco dias por semana das oito da manhã muitas vezes até às oito da noite, e às vezes nem sequer vinha a casa, treinara-o para «eliminar», termo usado pelo treinador de gatos, em cima de um jornal para ele depois se habituar a ir ao caixote da areia. E esta carta, sendo o único papel que havia no chão, de certeza que o baralhou. Vi-o andar envergonhado pelos cantos da casa. Sabia que tinha feito mal. Estava lá, escondida na cabeça, a coisa que ele sabia que não devia ter feito.

Odeio gatos mas gostei deste. Pus-lhe o nome de *Mr. Pan*, como o Peter, o famoso rapaz voador. *Mr. Pan* não é um menino que nunca há de envelhecer nem, curiosamente, possui a capacidade de voar, mas existe uma estranha semelhança e, na altura, pareceu-me adequado. Encontrei-o uma noite metido numa caixa ao fundo de uma ruela, a ronronar como se em grande aflição. Ou talvez a aflição fosse minha. O que lá fui fazer não vem agora ao caso mas chovia imenso, eu de gabardina bege e, depois de chorar a perda do namorado perfeito e emborcar demasiadas tequilas, deu-me para imitar a Audrey Hepburn e correr atrás do bicho a chamar «Gato!» num timbre cristalino e único, ainda que ansioso. Afinal era um gatinho de poucos dias e nascera hermafrodita. A mãe ou a dona, ou ambas, abandonara-o. Embora o veterinário me informasse que o gatinho tinha uma anatomia mais masculina que feminina, batizá-lo foi como se estivesse, sozinha, a assumir a responsabilidade da escolha do sexo. Pensei no meu desgosto amoroso e na perda de uma promoção porque o meu chefe pensou que eu estava grávida — embora tivesse sido depois das Festas e o meu empanturrango anual ficasse muito aquém de um banquete tudoriano — por passar um mês horrroso com dores de barriga; um mendigo apalpara-me uma noite no comboio; e quando fizera ouvir a minha opinião no serviço, os meus colegas homens chamaram-me cabra, portanto decidi que a vida, para o gato, seria muito mais fácil como macho. Mas penso que tomei a decisão errada.

De vez em quando, chamo-lhe Samantha, Mary ou outro nome feminino e ele ergue os olhos para mim com algo que só pode descrever-se como um agradecimento antes de ir deitar-se dentro de um dos meus sapatos a olhar embevecido para o salto agulha e o mundo de que o haviam privado. Mas estou a divagar. Voltemos à carta.

Desta vez tinha de ir. Não havia escapatória. Não podia ignorá-la; não queria irritar ainda mais o remetente.

Então quem era o remetente?

Peguei na folha húmida pelo canto e de novo inclinei a cabeça para ler o papel mole.

Cara Lucy Silchester,

Tem uma marcação para segunda-feira 30 de maio.

Atenciosamente,

Vida

Vida. Pois está claro.

A minha vida precisava de mim. Eu estava a passar por um momento difícil e não lhe prestara a devida atenção. Distraíra-me, ocupara-me com outras coisas: as vidas dos meus amigos, problemas de trabalho, o meu carro velhote e sempre necessitado, esse tipo de coisas. Ignorara total e completamente a minha vida. E agora ela escrevera-me, convocara-me, e só havia uma coisa a fazer. Tinha de ir encontrar-me com ela cara a cara.

CAPÍTULO DOIS

Eu já sabia que esse tipo de coisas acontecem, razão pela qual não lhe dei demasiada importância. De resto, geralmente não me deixo empolgar, não sou dessas. Nem me surpreendo facilmente. Talvez por esperar que tudo possa acontecer. Dá a ideia de que sou crente mas também não é isso. Reformulando: aceito apenas as coisas que acontecem. Todas elas. Portanto, o facto de a minha vida me escrever, embora estranho, não era surpreendente; mais uma maçada, isso sim. Percebi que ia exigir-me muito mais atenção no futuro próximo e que se fosse uma coisa fácil para mim não teria recebido as cartas, sequer.

Descolei o gelo do descongelador com uma faca e tirei de lá um empadão de carne com a mão já roxa. Enquanto esperava que o micro-ondas apitasse, comi uma torrada. Depois um iogurte. Ainda não estava preparada, por isso lambi a tampa. Decidi que a chegada da carta me autorizava a abrir uma garrafa de Pinot Grigio de €3,99. Esfaqueei o resto do gelo do congelador enquanto *Mr. Pan* corria a esconder-se dentro de uma galocha com corações cor-de-rosa ainda cheia de lama seca de um festival de música do verão de há três anos. Puxei para fora uma garrafa de vinho que me esquecera de tirar do congelador e que era agora um bloco de gelo de álcool e substituí-a pela nova. Não ia esquecer-me desta. Não podia. Era a última que restava na adega-cantoneira debaixo do frasco das bolachas. O que me fez pensar em bolachas. Comi também uma com aparas de chocolate enquanto esperava. Então o micro-ondas apitou. Despejei o empadão para o prato, um monte de papa pouco apetitosa, ainda frio no meio,

mas não tive pachorra para voltar a metê-lo lá dentro e esperar mais trinta segundos. Encostei-me à bancada a comer, escolhendo as partes quentes nas bordas.

Dantes cozinhava. Cozinhava quase todas as noites. Nas outras noites, era o namorado que cozinhava. Gostávamos disso. Tínhamos um grande apartamento numa panificadora reconvertida com janelas gradeadas do chão ao teto e os tijolos de origem à vista na maior parte das paredes. Tínhamos uma cozinha aberta para a zona de comer e quase todos os fins de semana convidávamos amigos para jantar. Blake adorava cozinhar, adorava receber, adorava ver-se rodeado de amigos, até de familiares. Adorava o barulho de dez a quinze pessoas a rir, a conversar, a comer, a trocar ideias. Adorava os cheiros, o vapor, os *abs* e *obs* deliciados. De pé junto à ilha da cozinha, ia relatando eloquentemente alguma peripécia enquanto picava uma cebola, deitava uns borrifos de vinho tinto no *boeuf bourguignon* ou flambeava um *baked alaska*. Nunca pesava nada, conseguia sempre o equilíbrio certo. Conseguia sempre o equilíbrio certo em todas as coisas. Escrevia sobre comida e viagens, adorava ir a todo o lado e provar tudo. Era aventureiro. Aos fins de semana nunca parávamos quietos, escalando esta montanha e mais aquela; nos verões íamos a países de que eu nunca tinha ouvido falar. Saltámos duas vezes de para-quedas, fizemos *bungee jumping* três vezes. Ele era perfeito.

E morreu.

É a brincar, ele está ótimo. Vivinho da costa. Uma piada cruel, eu sei, mas ri-me. Não, não morreu. Continua vivo. Continua perfeito.

Mas eu deixei-o.

Agora tem um programa de televisão. Assinou o contrato quando ainda estávamos juntos. Passa num canal de viagens que víamos habitualmente e, de vez em quando, sintonizo-o para o ver andar na Grande Muralha da China ou dentro de um barco na Tailândia a comer *pad thai*; e depois da crítica eloquente e com uma indumentária perfeita — mesmo após uma semana a escalar montanhas, a cagar no mato e sem tomar duche —, olha sempre para a câmara com o seu rosto perfeito e diz «Wish You Were Here». É o nome do programa. Disse-me, nas semanas e meses que se seguiram ao nosso traumático rompimento, chorando ao telefone, que lhe dera esse nome a pensar em mim, que sempre que dizia isso estava a falar para mim, apenas para mim e nunca para mais ninguém. Queria que eu voltasse. Telefonava-me todos os dias. Depois dia sim dia não. Por fim, já era

uma vez por semana e percebi que ele andara uns dias em luta com o telefone tentando esperar por esse momento para falar comigo. Até que acabou com os telefonemas e mandava-me *emails*. Longos *emails* pormenorizados sobre o que tinha visto, como se sentia sem mim, tão deprimido e tão sozinho que eu já não conseguia lê-los. Deixei de lhe responder. Depois os *emails* tornaram-se mais curtos. Menos sentimentais, menos pormenorizados, mas sempre a pedir-me para me encontrar com ele, sempre a pedir-me para nos reconciliarmos. Estive tentada, não duvidem, ele era um homem perfeito e termos um homem perfeito, bonito, a querer-nos às vezes é o bastante para nos fazer desejar recuperá-lo, mas isso era nos momentos de fraqueza da minha própria solidão. Eu não o queria. Nem era por ter conhecido outra pessoa, disse-lho vezes sem conta, embora talvez tivesse sido mais fácil fingir que tinha porque assim ele podia seguir com a vida dele. Eu não queria mais ninguém. Não queria mesmo. Só queria parar por uns tempos. Queria deixar de fazer coisas e de me mexer. Só queria estar sozinha.

Despedi-me, arranjei outro emprego numa firma de eletrodomésticos por metade do salário. Vendemos o apartamento. Aluguei este estúdio, com um quarto do tamanho de qualquer outra casa que já tivera. Encontrei um gato. Há quem diga que o roubei mas, seja como for, ele/ela agora pertence-me. Visito os meus pais quando a isso sou obrigada, saio com os mesmos amigos nas noites em que ele não está — o meu ex-namorado e não o gato —, o que é mais frequente agora que viaja tanto. Não tenho saudades dele e quando tenho ligo a televisão e apanho uma dose dele suficiente para me sentir de novo satisfeita. Não tenho saudades do meu emprego. Sinto falta do dinheiro, um bocadinho, quando vejo alguma coisa que me interessa nas lojas ou numa revista mas depois saio da loja ou viro a página e passa-me. Não tenho saudades das viagens. Não tenho saudades das festas.

E não estou infeliz.

Não estou.

Ok, menti.

Ele é que me deixou.

CAPÍTULO TRÊS

Ia a meio da garrafa de vinho quando me veio a — não a coragem, não precisava de coragem, não estava com medo — decisão. Foi preciso meia garrafa de vinho para me decidir a telefonar à minha vida e liguei para o número que vinha na carta. Dei uma trinca na barra de chocolate enquanto esperava que a ligação se fizesse. Atenderam ao primeiro toque. Não me deu tempo para mastigar, muito menos para engolir.

— Ah, desculpe — disse com a boca cheia. — Estou a comer um chocolate.

— Não faz mal, querida, eu espero — respondeu alegremente uma velhota jovial com um leve sotaque americano sulista. Mastiguei rapidamente e engoli, empurrando com um bocado de vinho. Depois engasguei-me.

Pigarreei. — Pronto.

— O que era?

— Um *Galaxy*.

— Com furinhos ou de caramelo?

— Com furinhos.

— Hmm, o meu preferido. Em que posso ajudá-la?

— Recebi uma carta com uma marcação para segunda-feira. Chamo-me Lucy Silchester.

— Sim, Ms. Silchester, tenho-a aqui no computador. Às 9 da manhã, convém-lhe?

— Ah, não é por isso que estou a ligar. É que não posso ir, é dia de trabalho.

Esperei que ela dissesse *Ah, que estupidez a nossa, pedir-lhe para cá vir num dia de semana, fica cancelado, então*, mas não disse.

— Bom, acho que podemos resolver isso. A que horas sai?

— Às 18:00.

— Que tal às 19:00?

— Não posso porque é a festa de anos de uma amiga e vamos jantar fora.

— E à hora de almoço? Dava-lhe jeito?

— Tenho de levar o carro à oficina.

— Então, em resumo, não pode vir porque é dia de trabalho, vai levar o carro à oficina à hora de almoço e à noite tem um jantar com os amigos.

— Sim. — Franzi o sobrolho. — Está a tomar nota? — Ouvia-a teclar ao fundo. Isso aborreceu-me; eles é que me convocaram, não foi o contrário. Iam ter de arranjar uma hora.

— Sabe, querida — disse ela no arrastado sotaque sulista e quase consegui ver a tarte de maçã a escorrer-lhe dos lábios e a cair em cima do teclado, depois o teclado a chiar e a incendiar-se com as minhas convocatórias a ficarem para sempre apagadas da memória —, não está, obviamente, familiarizada com o nosso sistema. — Respirou fundo e eu atalhei antes que as maçãs escaldantes pingassem outra vez.

— As pessoas costumam estar?

Fizera-a perder o fio à meada.

— Desculpe?

— Quando contactam as pessoas, quando *a vida as convoca para uma reunião* — enfatizei —, elas costumam estar familiarizadas com o processo?

— Bom — disse num muito prolongado monossílabo que soou como *bu-oom* —, umas sim, outras não, acho eu, mas é para isso que eu aqui estou. E se lhe facilitasse as coisas combinando ir ele encontrar-se consigo? Ele vai, se eu lhe pedir.

Ponderei a hipótese, depois subitamente: — Ele?

Ela deu uma risadinha. — Isso também espanta as pessoas.

— São sempre *elas*?

— Não, nem sempre, às vezes são *elas*.

— Em que circunstâncias é que são homens?

— Ah, é aleatório, querida, não há nenhuma razão especial. Tal como nós duas termos nascido mulheres. Há algum problema?

Pensei. Não estava a ver nenhum. — Não.

— Então, a que horas gostava que ele a fosse visitar? — E teclou mais um bocado.

— Visitar-me? Não! — gritei para o telefone. *Mr. Pan* deu um salto, abriu os olhos, olhou em volta e tornou a fechá-los. — Desculpe ter gritado. — Recompus-me. — Ele não pode cá vir.

— Mas pensei que tinha dito que não havia problema.

— Não havia problema ser um homem. Pensei que estava a perguntar-me se *isso* era um problema.

Ela riu-se. — Mas porque é que eu lhe perguntaria isso?

— Sei lá. Às vezes, nos *spas* também nos perguntam, para o caso de não querermos um massagista homem...

Ela deu outra risadinha. — Bom, garanto-lhe que ele não vai massajar-lhe nenhuma parte da anatomia.

Fez com que *anatomia* soasse de forma obscena. Credo!

— Bom, diga-lhe que peço desculpa mas ele não pode cá vir. — Relancei o olhar pelo meu triste estúdio que sempre achara bastante acolhedor. Era uma casa para mim, o meu casulo; não era para receber visitas, amantes, vizinhos, membros da família ou mesmo serviços de emergência quando a alcatifa pegou fogo, era só para mim. E para *Mr. Pan*.

Estava aconchegada pelo braço do sofá e, uns passos atrás, ficavam os pés da cama de casal. À minha direita, o balcão da cozinha, à esquerda as janelas e, ao lado da cama, a casa de banho. Era mais ou menos esse o tamanho. Não que o tamanho me incomodasse, ou envergonhasse. Era mais o estado em que se encontrava. O chão transformara-se em roupeiro. Gostava de encarar os meus pertences por lá espalhados como alpondras, a minha estrada de tijolos amarelos... esse tipo de coisa. O recheio do roupeiro na antiga *penthouse* milionária era maior que o próprio estúdio novo e, por isso, os meus excessivos pares de sapatos tinham-se instalado ao longo do peitoril da janela, os casacos compridos e vestidos de noite estavam pendurados em cabides de ambos os lados do varão e eu puxava-os, como cortinas normais, para dentro e para fora quando o sol e a lua assim o exigiam. A alcatifa estava como já a descrevi, o sofá monopolizava a pequena zona de estar que ia da janela ao balcão da cozinha, o que significava que não se podia contorná-lo, somente saltar por cima do encosto para nos sentarmos. A minha vida não podia visitar-me nesta barafunda. Dei-me conta da ironia.

— Ando a limpar a alcatifa — disse, depois suspirei como se isso fosse apenas uma maçada em que nem queria pensar. Não era mentira. A minha alcatifa *precisava imenso* de ser limpa.

— Bom, posso recomendar-lhe a Magic Carpet Cleaners — disse ela entusiasmada, como se de repente estivesse num anúncio. — O meu marido — *ma husbaand* — tem a mania de engraxar as botas na sala e eles, na Magic Carpet Cleaners, removem a graxa preta toda, nem imagina... E também ressona. Se não adormeço antes dele já não consigo dormir, então ponho-me a ver as televidas e, uma noite, vi um sujeito a engraxar os sapatos em cima de uma alcatifa branca, como o meu marido, e foi o que me chamou a atenção. Como se tivessem adivinhado. Tiraram logo a nódoa, portanto tinha de contactá-los imediatamente. Tome nota, Magic Carpet Cleaners.

Foi tão categórica que dei por mim a querer investir em graxa preta para testar esses fulanos do anúncio da limpeza mágica e procurei uma caneta que, segundo o código caneteiro desde que o mundo é mundo, nunca aparece quando é precisa. De marcador na mão, olhei em volta à procura de um sítio onde escrever. Não encontrei nenhum papel, por isso escrevi na alcatifa, o que me pareceu apropriado.

— Porque não me diz então quando pode cá vir falar com ele e resolve-se já isso?

A minha mãe marcara para sábado uma reunião de família especial.

— Oiça, eu sei que é muito importante ser convocada pela minha vida e assim, e embora tenha uma reunião de família importante no sábado, adorava encontrar-me com ele nesse dia.

— Oh — *ôôôô* —, minha querida, tomarei devida nota de que está disposta a faltar a esse encontro especial com os seus entes queridos para o conhecer mas acho que deve estar com os seus pais. Sabe Deus por quanto tempo ainda os terá e encontramo-nos no dia seguinte. Domingo. Que lhe parece?

Resmunguei. Mas não em voz alta, foi cá dentro, cá no fundo, um longo gemido angustiado de um íntimo angustiado. E ficou então combinado. Domingo íamos conhecer-nos, os nossos caminhos chocar-se-iam e tudo o que eu considerara seguro e firme iria de repente soltar-se e mudar para sempre. Foi o que li numa revista, que aconteceu com uma mulher que se encontrara com a vida dela. Mostravam fotos do antes e depois para o leitor destreinado que não conseguisse imaginar. Curiosamente, antes de conhecer a vida dela, não tinha o cabelo arranjado mas depois já tinha; antes, não estava maquilhada nem bronzeada com *spray* mas depois sim; antes, usava umas *leggings* e uma *t-shirt* do Rato Mickey e foi fotografada com má iluminação mas depois já era um vestido assimétrico suavemente drapeado numa cozinha de estúdio perfeitamente iluminada onde uma jarra alta com

limões e limas artisticamente colocada mostrava como a vida pelos vistos a tornara mais apreciadora de citrinos. Usava óculos antes do encontro com a vida, depois já usava lentes. Perguntei-me quem a teria mudado mais; a revista ou a vida dela.

Daqui a menos de uma semana ia eu conhecer a minha. E a minha vida era um homem. Mas porquê eu? Achava que a vida me corria bem. Estava ótima. Estava tudo ótimo na minha vida.

Então estendi-me no sofá e pus-me a olhar para o varão da cortina a decidir o que vestir.